

# o espírito da paz

Reputado artesão das batidas e das palavras, regressa com o seu terceiro álbum de originais fazendo valer os pergaminhos da primeira geração do hip-hop português, mas não só. A maturidade é palavra-chave num disco que não dispensa uma lista de ilustres convidados: Pos, dos De La Soul, Da Weasel ou Sam the Kid, todos ajudam a consolidar "Ritmo, Amor e Palavras" como um disco em que o hip-hop se transforma realmente "num espaço de liberdade".

"Rimar Contra a maré", o disco anterior, foi publicado em 2002. E foi logo aí que Boss AC começou a pensar em novo disco, "até porque existia algum material que não tinha entrado por várias razões". Tudo seria concretizado nos últimos três meses, quando teve lugar a escolha do repertório, a pré-produção, as gravações, as misturas e a masterização do novo disco. Além dos convidados e dos músicos que o acompanham, Troy Hightower foi outra das peças-chave. O produtor que já trabalhara com Boss AC no passado, é o grande responsável pela mistura final do disco, transportando a sonoridade de Boss AC para outra patamar. A simbiose continua a dar os seus frutos: "Estamos a falar de alguém com um currículo enorme. E gosto muito do toque que ele dá. É o toque dele não tem tanto a ver com técnica, mas mais com o gosto. Confio plenamente nele e sei que o que ele faz vai de encontro ao que eu quero."

**a teoria dos híbridos.** E o que quer Boss AC? Pela audição das 18 faixas de "Ritmo, Amor e Palavras", destaca-se a sua filosofia con-

*um dia destes, falar-se-á  
de um hip-hop português,  
com som característico.*

*quem o assegura, serenamente, é*

**boss ac.**  
**ritmo, amor e palavras**

*é um contributo decisivo.*

MIGUEL FRANCISCO CADETE

Uma ideia antiga, esta última parceria, que só agora pôde ser concretizada e que resulta num dos temas mais funk do disco, "Yo (não brinques com esta merda)", salpicado de electro vintage e absorvido por um dueto capaz de revelar as qualidades de AC enquanto MC.

A teoria dos híbridos produziu ainda mais resultados na colaboração com os Da Weasel, "Só vês o que queres ver", onde se elogia o "mulato bem bacano". A faixa é um autêntico manifesto em que Boss AC, com Pacman à ilharga (o que é tudo menos casual), reclama: "quem é quem para dizer o que é certo ou errado", "etiquetas eu disperso".

"Quando falei com os Da Weasel, o meu convite era no sentido de ter o 'input' deles enquanto banda. De maneira que quando ouvíssemos a música no fim pensássemos que aquilo era a junção, a metamorfose dos dois." Bingo!

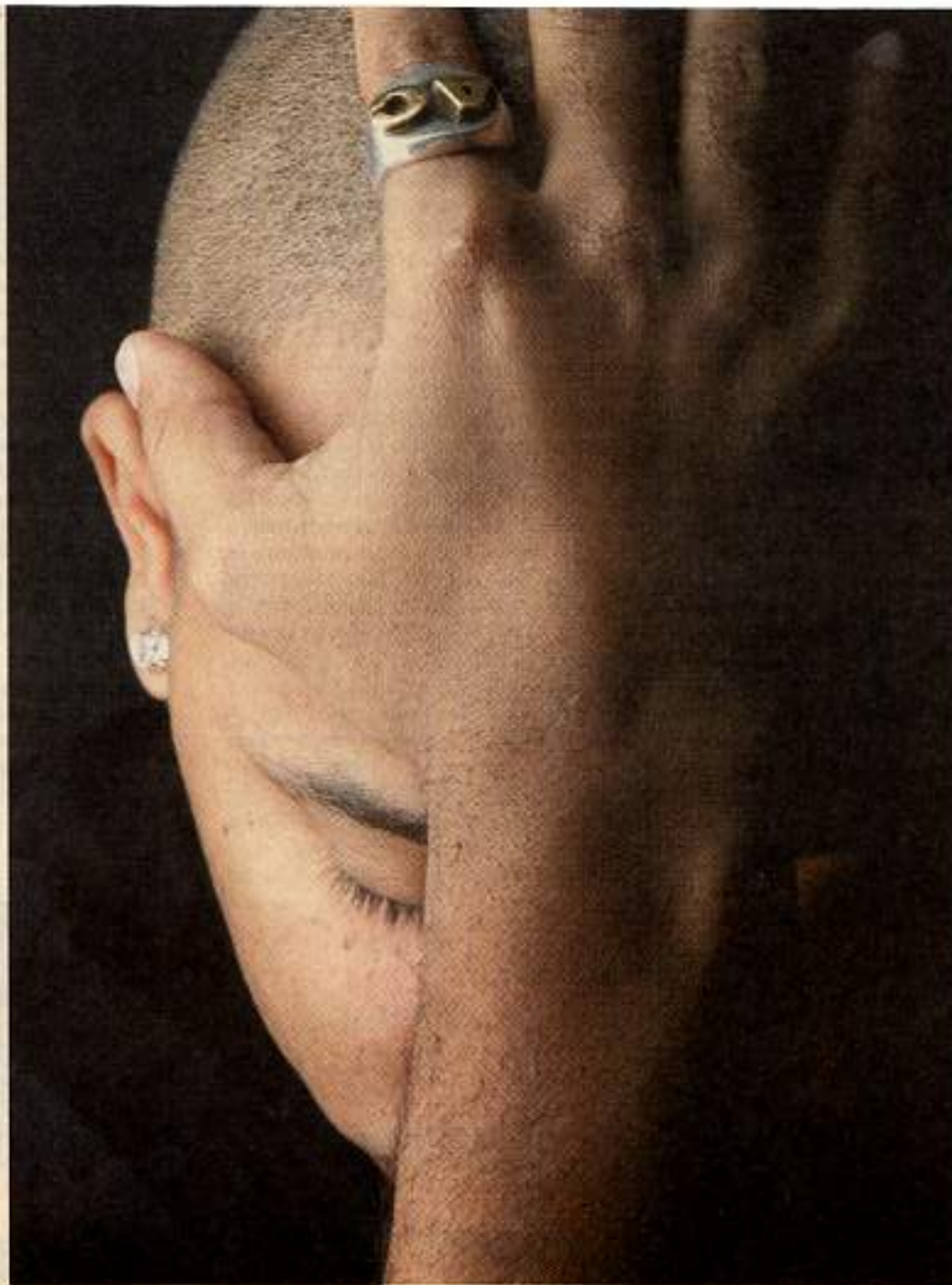
"Só preciso de cinco minutos" e "Faz o favor de entrar", as duas faixas em que participa Sam the Kid, na primeira enquanto produtor, na segunda como rapper, transformam "Rap, Amor e Palavras" no hip-hop mais sofisticado produzido em Portugal. Especialmente no segundo: enquanto Sam mostra virtuosismo e velocidade nas rimas, AC aponta ao ouvinte uma linha de baixo gorda e potente que envolve todo o tema numa mistura de electro e funky.

O melhor de "Ritmo, Amor e Palavras" passa por aí e por uma atitude lúcida da parte de Boss AC: "O hip-hop em Portugal está perto de chegar à idade adulta. Está no final da adolescência. Brevemente poder-se-á falar de um

tora cabo-verdeana Ana Firmino tem uma visão própria do hip-hop. Se nos discos anteriores já era possível tomar contacto com um ecletismo a toda a prova, essa ideia vai agora mais longe. Boss AC toma o hip-hop como um espaço próprio para a experimentação de conceitos vãos, conduzindo a resultados que apontam para a miscigenação de variadíssimos elementos. Encontra-se, obviamente, rap no seu estado mais puro, mas quase sempre em fértil diálogo com outros géneros, sejam eles o rock ("Farto de..."), o dancehall jamaicano ("Original riddim"), o r&b ("Boa vibe") ou a música africana ("Sabim").

É uma diversidade de referências que, afinal, definem a sua identidade. É o próprio que o diz: "Todas essas influências sou eu. E acredito que procurar todas essas influências enriquece mais do que negá-las. É a história do 'es português ou és cabo-verdeano?' Sou os dois. O mesmo se passa com a música. Cresci no meio da música e no meio de músicos e por isso tenho várias influências. E considero que escolhi mesmo o veículo ideal para fazer música, que é o hip-hop. O hip-hop é isto mesmo, é recodar, é reinventar. É um espaço de liberdade. Desde o momento em que ponha entaves ao que faço, estou a castrar a minha música e é isso que não quero. Infelizmente, o hip-hop mais fundamentalista está cheio de regras e eu pergunto: 'mas quem é quem para definir as regras?'"

A chegada a este ponto da situação, prende-se com uma cada vez maior maturidade dos projectos que existem em Portugal ligados ao hip-hop. Boss AC fez parte dos pioneiros apresentados na colectânea "República" (1994), e tem vindo a bulir a sua música de forma a torná-la cada vez mais pessoal. De então para cá publicou "Manda Chuva" (1998), "Rimar Contra a Maré" (2002) e produziu discos de outros artistas. Foi também um dos primeiros em Portugal a tentar abordar o lado mais sensual ou erótico do r&b. Não admira que o "amor" de "Ritmo, Amor e Palavras" seja quase todo dedicado a esse género. Contudo, os temas mais estimulantes – mas provavelmente sem tanto apelo comercial – do álbum são aqueles em que se faz rodear por convidados como Da Weasel, Sem the Kid ou Pts, dos De La Soul.



hip-hop português, com som característico. Quando vamos à procura do que é nosso, quando 'samplamos' coisas nossas, quando chamamos artistas que não são do hip-hop mas que são portugueses, mas que vêm trazer algo de novo ao hip-hop, aí está-se a falar de uma cultura portuguesa e de um hip-hop português. Isso acontece quando, em vez de se 'samplar' o James Brown, 'samplamos' o Carlos Paredes ou os Madredeus."

A referência não é ingénua. Outra das surpresas de "Ritmo, Amor e Palavras" é uma revisão de "O Pastor" do grupo de Teresa Saigueiro e Pedro Ayres Magalhães, a que Boss AC acrescentou uma letra, "Que Deus", uma guitarra portuguesa e uma batida. O tema não deixa de viajar na órbita dos Madredeus – a letra diz "eu acredito é na paz e no amor" –, mas acaba por ser sintomática a sua adequação a um beat mais próximo do universo hip-hop. Boss AC confessa: "Adoro 'O Pastor' e era impossível não respeitar aquela música. Já tinha a ideia de fazer um instrumental com aquilo mas isso estava parado. E depois considerei que era um tema a que tinha que dar ênfase à letra. A letra tem a ver com a dúvida: 'quem é Deus?'; com aquelas dúvidas que toda a gente tem, seja ou não religioso. Fiz a música e percebi logo que tinha que pedir autorização para a usar. Todas as pessoas a quem mostrei o tema me diziam 'Madredeus?, esquece isso!' Qual foi o meu espírito quando recebi um e-mail do Pedro Ayres Magalhães a dar-me os parabéns e a dizer que tinha um excelente tema, o que para mim foi um elogio dos melhores."

O espírito da paz passou, definitivamente, a fazer parte da postura de Boss AC, que analisa o seu álbum serenamente: "Sinto-me confortável. Acordo de manhã e sinto-me bem consigo. Acho que estou no caminho certo. Estou orgulhoso do trabalho que fiz nos três álbuns. São muitos diferentes, mas complementam-se. Todos eles sou eu."

**BOSS AC**  
Ritmos, Amor e Palavras

Norteis; distri. EMI Music Portugal

710